

“ComVivência pedagógica”, formando e transformando educadores ambientais

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo não apenas relatar minha experiência na “ComVivência Pedagógica” (GUIMARÃES, 2021, p. 127) mas, sobretudo, demonstrar sua contribuição para os educadores ambientais se formarem e transformarem cidadãos a partir de uma educação ambiental crítica, transformadora e emancipatória. É importante divulgar essa experiência à medida que a “ComVivência” colabora para rupturas de pensamentos e práticas disjuntivas (GUIMARÃES, 2021, p. 129), abrindo para se construir o novo: o novo ambiente, o novo no pensar, o novo no agir... como proposta de formação de Educadores Ambientais, a “ComVivência” parece surgir para suprir uma necessidade de provocar rupturas na hegemonia do atual modelo da sociedade, que já demonstra, há muito, seus sinais de insustentabilidade. Portanto, a imersão pedagógica pode ser um excelente método para se formar educadores ambientais, à medida que cria situações para o próprio educador refletir criticamente sobre o mundo e sobre suas atitudes. Por derradeiro, percebeu-se que os educadores devem experimentar a “ComVivência pedagógica”, com seus componentes pedagógicos, seus princípios formativos e a vivência imersiva. Tal “ComVivência” cria fundamentos sólidos em teoria e prática, haja vista que temos atmosfera peculiar para reaprendermos sobre relacionamentos entre nós humanos e destes com seu entorno, que não deve ser um modelo de competição e sim de cooperação. Desta forma, teremos terreno fértil para formarmos profissionais com habilidades e capacidades de atuarem com uma educação ambiental crítica, transformadora e emancipatória.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Ambiental. Formação de educadores ambientais. Imersão pedagógica. Convivência pedagógica.

André Luís Barbosa Estolano da Silveira

andre.barbosa.estolano@gmail.com

<http://orcid.org/0009-0004-4985-7328>

Fundação de Apoio à Escola Técnica (Faetec), Volta Redonda, Rio De Janeiro, Brasil.

INTRODUÇÃO

Por vivermos em um momento onde os problemas ambientais estão, cada vez mais, difíceis de serem revertidos, como por exemplo o da mudança climática, a Educação Ambiental surge como uma das principais ferramentas para identificarmos uma melhor forma de agir nesse ambiente em que convivemos.

Conforme o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), apenas no mês de julho de 2023 (dois mil e vinte e três) no Brasil, tivemos 13.985 (treze mil, novecentos e oitenta e cinco) focos ativos detectados pelo satélite de referência. Apesar de representar uma pequena queda, comparando o mesmo mês dos quatro últimos anos, ainda é um número expressivo, que pode indicar uma necessidade de mais políticas públicas e/ou investimentos em práticas educativas que procurem amenizar os desmatamentos e queimadas, que também são responsáveis pelas mudanças climáticas. De acordo com o Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas (PBMC)¹:

No Brasil, a principal fonte de gases de efeito estufa e aerossóis antrópicos é a queima de biomassa, utilizada como prática agrícola ou na mudança da cobertura do solo. (p. 18, volume 1)

Não se trata de culpar o homem/mulher pela insustentabilidade em que nos encontramos. Apesar de sermos nós, seres humanos, os “irresponsáveis” pelo meio ambiente. O primordial e urgente é perceber que o grande responsável pelas mudanças climáticas, assim como pelas queimadas, secas, desmatamentos, fomes, desempregos e tantos outros problemas ambientais, é o nosso modelo de sociedade que não deve continuar por muito tempo, sob pena de não termos ambiente favorável para a sobrevivência de inúmeras espécies viventes hoje, inclusive a humana.

Necessário se faz elucidar que a Educação Ambiental que pode e deve contribuir para um novo modelo societário, com menor impacto ambiental negativo, é a Educação Ambiental Crítica, emancipatória e transformadora.

Desta forma, essa Educação Ambiental, será um importante instrumento para que tenhamos em nossa sociedade: justiça ambiental; melhor distribuição de renda; proteção para os recursos, sejam eles naturais, culturais ou históricos; e, ainda, importante para frear qualquer forma predatória e discriminatória do ser humano entre si e em relação à natureza da qual faz parte.

Oportuno esclarecer que meu próprio caminho percorrido até aqui foi longo: após vinte e cinco anos como professor de Ciências Biológicas e de Direito (Direito do Trabalho e de Fundamentos do Direito) em escolas públicas, senti a necessidade de retornar para a academia a fim de aprimorar conhecimentos. Dessa forma, resolvi fazer inscrição na disciplina “Formação de Educadores Ambientais e a “ComVivência Pedagógica”, ministrada pelo professor Mauro Guimarães do Programa de Pós-Graduação em Educação: Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDUC), da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A escolha pela disciplina ocorreu por ser um tema muito próximo da minha formação, uma vez que foi tema da minha monografia de graduação, do TCC do curso de especialização e da dissertação de mestrado, portanto, é um assunto que eu sinto grande prazer em estudar. A opção pelo programa se deu pelo fato de ser em educação e ter a linha de pesquisa em Educação Ambiental, sobretudo formação de professores. Tivemos aulas presenciais no Campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro em Nova Iguaçu e uma imersão no sítio em Areal. Tal curso iniciou no dia 04/07 e terminou em 25/07.

Conforme dito anteriormente, este artigo tanto relata minha experiência pessoal quanto procura divulgar uma prática de formação de professores em uma educação ambiental crítica, transformadora e emancipatória. Portanto, não se trata de uma discussão teórico-metodológica de um processo que visa formar futuros docentes, apesar de, em alguns momentos, se fazer necessário recorrer às referências de modo a subsidiar meu relato.

Insta salientar que em 1998, durante a monografia, pesquisei e estudei projetos de educação ambiental e, após entrevistas e visitas, procurei identificar neles as Recomendações da Conferência de Tbilisi de 1977, considerada o marco inicial da Educação Ambiental. Concluí, na ocasião, que os projetos, muito embora tenham sido realizados por profissionais altamente competentes e comprometidos com toda a problemática ambiental, se afastaram das recomendações e se aproximaram de algum tipo de benefício para o patrocinador. Inclusive, um desses projetos chegou a apresentar um capítulo com o título como algo do tipo: “vantagem para o patrocinador”. Recordo-me que a professora Dalva Regina dos Prazeres Gonçalves em um encontro, dos vários que tive a felicidade de viver, indagou: “Ora, então se não houver vantagem para o patrocinador, não haverá educação ambiental? Indignada, acrescentou: “Que educação ambiental é essa que esse pessoal está fazendo?” Tais questionamentos permanecem vivos em minhas reflexões, mesmo tendo se passado mais vinte anos.

O que se espera de qualquer projeto de educação ambiental é que procure formar cidadãos em toda sua plenitude, ou seja, ser crítico, transformador e emancipatório e não visar, precipuamente, conceder benefícios para quem financiá-los. E, para minha satisfação pessoal e minha retomada de confiança na educação ambiental como importante instrumento para a cidadania e, por isso, também para o equilíbrio e justiça ambiental, conheci neste momento de minha trajetória profissional de quase 30 anos, e agora da minha retomada acadêmica, a ComVivência pedagógica que, como veremos, é uma possibilidade de formação de educadores ambientais críticos, transformadores e emancipatórios.

A COMVIVÊNCIA PEDAGÓGICA COMO PROPOSTA DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES AMBIENTAIS

A ComVivência pedagógica (GUIMARÃES, 2021), doravante denominada apenas de ComVivência, parece ser uma palavra com erro ortográfico. Necessário

se faz elucidar que o autor procurou apenas destacar que se trata de um mecanismo para ressaltar que esse método é uma vivência “COM”. É uma relação onde o contato com outra forma de viver é essencial para os objetivos precípuos da educação ambiental crítica, emancipatória e transformadora, qual seja, formar cidadão crítico, participativo, ético e responsável.

É peculiar porque se trata de uma proposta de Educação Ambiental que não começa a partir dos valores do educador ou do educando, nem mesmo de um tema específico que, em regra, é tratado isoladamente, tais como o da água, do solo, do desemprego, etc. Em que pese esses tópicos serem altamente relevantes, a peculiaridade deste artigo reside em partirmos da relação que existe entre todos esses elementos citados e tantos outros que fazem parte desse planeta Gaia (LOVELOCK, 2020).

Trata-se de um processo formativo baseado numa imersão vivencial em uma realidade de vida totalmente diferenciada da nossa experiência como seres da modernidade (GUIMARÃES, 2021, p. 136). É constituída por princípios formativos, componentes pedagógicos e vivência imersiva que, em perfeita sintonia, transforma nossa visão disjuntiva para uma mais global.

Ter esse olhar do “todo” interligado é essencial para transformar o modelo atual de sociedade predatória, discriminatória e injusta, e, para isso, a ComVivência pedagógica deve ocorrer em um ambiente educativo onde há intensa relação entre as etapas que a formam. Vejamos cada um deles.

Os componentes pedagógicos são formados pelas seguintes atividades: acolhimento, resignificação, reelaborando relações, práticas diferenciadas, resgate da essência, rupturas paradigmáticas e tempo de hiperdistração. Vejamos:

No acolhimento, é exaltado o cuidado com o outro. Vivemos em um mundo onde as pessoas estão distantes umas das outras, mas com a falsa impressão de estarmos “próximos” por permanecermos conectados. Nessa atividade, os participantes têm a oportunidade de se aproximarem, uns dos outros, e perceberem que estão juntos em um mesmo ambiente que necessita dessa relação harmoniosa e zelosa dos seres humanos entre si e destes com seu entorno.

A resignificação, é marcada pela desconstrução dos sentidos disjuntivos e reconstrução do novo. Conforme Morin (p. 46, 2000) “Trata-se de entender o pensamento que separa e que reduz, no lugar do pensamento que distingue e une.” Não se compreende o comportamento humano decifrando suas partes menores, ainda que tenhamos todo seu mapa genético conhecido. Necessita-se compreendê-lo no seu contexto em sua relação com o mundo.

Na atividade Reelaborando relações, procura-se novas formas de relacionamento. A competição está na consciência como algo natural, porém é apenas uma construção da classe hegemônica que perpetua seus privilégios à medida que os indivíduos entram em disputas, ao invés de trabalharem em cooperação.

Há argumentos, ainda não esclarecidos, de que antes mesmo da fecundação humana, cada espermatozóide compete com os outros milhões em busca do óvulo. Todavia, essa ideia vem perdendo terreno para o argumento de que, na verdade, o que ocorre é uma cooperação. Nenhum espermatozoide, sozinho, conseguiria alcançar o óvulo para realizar o fenômeno da fecundação, isso porque dificilmente venceria as intempéries do ambiente hostil a sua sobrevivência.

Nas práticas diferenciadas, há oportunidade de abandonar velhos hábitos que, em regra, são depredadores e, após essa superação, se abrir para o novo, quebrando paradigma, que é a “estrutura de pensamento que de modo inconsciente comanda nosso discurso” (Morin 1997, p.21. in Guimarães, 2021, p. 134);

No resgate da essência, ocorre o reencontro com o natural, superação daquilo que é imposto em nossa consciência coletiva para uma reflexão sobre o que de fato é da natureza humana e o que é adquirido socialmente, através de uma imposição hegemônica manipuladora;

Nas rupturas paradigmáticas, romper com o modelo dominante que impõe injustiças sociais e um modo de vida insustentável. Ora, como dito anteriormente, não podemos culpar, igualmente, todos os seres humanos pelos problemas ambientais gerados. Necessário se faz esclarecer que são grupos que dominam os meios de produção, que exploram os recursos naturais, deixando regiões de miséria e processos de desertificação, que são os verdadeiros responsáveis por esses e tantos outros problemas ambientais.

Na atividade tempo de hiperdistração, recebemos diariamente intensa carga de informações que, muitas vezes, é responsável pela falta da atenção que deveríamos ter com as relações mais próximas. É comum entrarmos em um transporte público e nos depararmos com os passageiros focados em seus celulares, sem perceber o que está acontecendo ao seu redor.

Tal postura de afastamento de seu entorno pode ser uma das causas de depressão, visto que nos retraímos tanto para mergulhar num mundo distante que perdemos o liame do todo que nos rodeia, fazendo com que tenhamos a preferência patológica de não mais interagir com tudo que está próximo.

E, por fim, a dinâmica referencialidade intercultural, que exerce a função de promover diálogo com a diversidade de opiniões. Aprendemos que há países desenvolvidos e outros subdesenvolvidos, aqueles têm um modelo de crescimento que deve ser seguido por todos, pela razão de serem dominantes na relação com os demais países. Podemos perceber que essa hierarquização é político-social e economicamente criada, a fim de monopolizar a riqueza mundial concentrando o poder por aqueles que estão no topo dessa hierarquia.

Portanto, sendo criação humana, pode, deve e será discutida, refletida e, quem sabe, surgirem propostas para vivermos com mais justiça ambiental (Alier, 2011), onde o bônus e o ônus da ação humana sejam melhor distribuídos.

A educação ambiental corrobora para a formação da cidadania que procura combater, entre outras coisas, a injustiça ambiental que é insustentável, a medida que existe porque inúmeros problemas ambientais não têm o devido empenho de governos para sua efetiva solução, e que são suportados de formas diferenciadas, pela humanidade. A guisa de exemplo, podemos falar dos aterros sanitários, vulgarmente chamados de lixões, que são problemas ambientais onde enxergamos facilmente casos de injustiça ambiental.

Ora, não precisa muita pesquisa para saber que a camada da sociedade que concentra a maior parte da riqueza produzida pelo país consome mais que a parcela menos favorecida, economicamente. Sendo assim, é fácil concluir que gera mais lixos. Apesar de os moradores de áreas com menor valor imobiliário produzirem menos lixos, visto que têm menor renda que o grupo afortunado, é obrigado a morar ao lado de aterros sanitários, convivendo com moscas, cheiro e, ainda mais, desvalorização de seus imóveis.

Teríamos justiça ambiental, nesse caso, num contexto onde houvesse melhor distribuição de renda, consumo consciente e, ainda, tratamento adequado do lixo. Essa situação ocorreria, provavelmente, numa sociedade com cidadãos críticos, conscientes, éticos e responsáveis, ou seja, pessoas formadas por uma educação ambiental crítica, transformadora e emancipatória. Ressalta-se que essa educação possui estreita e necessária relação com justiça ambiental, tendo a cidadania como objeto comum e imprescindível entre elas, enquanto a educação forma, a justiça é feita e defendida pelo cidadão.

Daí a importância da “ComVivência” que procura formar educadores ambientais atentos a essa relação, apresentando metodologias e fundamentação teórica ao alcance de todos, através dos componentes pedagógicos, de seus princípios formativos e vivência imersiva. Os princípios formativos têm como principais características: desestabilização criativa, reflexão crítica, indignação ética, intencionalidade transformadora e posturas conectivas. Cada uma delas será exposta a seguir:

Durante a Desestabilização criativa, a intenção é tirar do lugar o que oprime e deixar vaga para uma nova estabilização criativa que vise a sustentabilidade e o fim da hegemonia de poucas pessoas sobre a grande massa;

Na Reflexão crítica, o objetivo é ponderar sobre nossa realidade de forma crítica e construtiva. Educadores e educandos têm a árdua tarefa de estar sempre refletindo sobre seus atos, enquanto indivíduos e enquanto ser social. Evitando, assim, as respostas automáticas que, normalmente, atendem a interesses de uma minoria;

Já na Indignação ética, deslumbra-se a não aceitação da opressão como algo natural e necessário. Excelente momento para repensarmos sobre racismo, machismo, intolerâncias, seja religiosa, de gênero e outras.

Em situações que provoquem a Intencionalidade transformadora, o objetivo é, como o nome sugere, transformar intencionalmente, ou seja, tudo aquilo que contraria o senso de ética e justiça deve ser aniquilado, criando novo ambiente, que desta vez, deve ser mais apropriado para convivência harmônica.

Por fim, a postura conectiva alerta para a importância de nos conectarmos de várias maneiras: com o próximo, conosco mesmo, com nosso entorno e com a natureza. Importante momento para valorizarmos e aprimorarmos as relações que desenvolvemos ao longo de nossa vida.

A vivência imersiva é a imersão para provocar um choque na realidade, ocasião em que os integrantes ficam, o máximo possível, sem contato com o mundo fora do sítio. Momento em que nos sentimos inseguros por estarmos num ambiente desconhecido com práticas que nos fazem duvidar das nossas certezas, porém é preciso “enfrentar as incertezas” (Morin, 2000, p.84).

Aqui apresentei de forma sucinta os fundamentos da “ComVivência” apenas para situarmos nosso comentário sobre a experiência vivida na imersão. Para maiores estudos, ler Guimarães (2021).

ENCONTROS PRECURSORES

As aulas, que antecederam a imersão e ocorreram na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), campus Nova Iguaçu, no Instituto multidisciplinar, tiveram o objetivo de provocar debates sobre a temática educação ambiental.

Inicialmente, foram feitas as devidas apresentações: da disciplina, do professor e dos estudantes. O momento que poderia parecer, à primeira vista, mera formalidade, demonstrou ser de intenso valor, pois, ao se criar uma atmosfera de comprometimento mútuo e de cooperação, a segurança é sentida por todos, o que permite que as ideias de cada um sejam expostas para debates amistosos e enriquecedores. Quem sabe, a partir daí, tenhamos novos pensamentos sobre velhas questões?

Ora, se esses encontros tinham, entre outros objetivos, a finalidade de preparar a todos para a imersão pedagógica, não poderíamos ter, de forma alguma, receios de dividir nossos conhecimentos. Como veremos adiante, em várias atividades praticadas na imersão, procurou-se trabalhar a insegurança que é muito sentida em nossa sociedade no dia a dia. E, adentrando em um ambiente novo e transformador, como o experimentado durante a imersão, que valoriza as relações humanas, percebe-se que flui uma sensação de segurança, que favorece o aprendizado de todos, já que aprende-se ao ensinar e vice-versa. Conforme Freire (2018, p. 25):

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém.

Assim, essa relação precisa ser acolhedora, estimuladora de novas ideias, que coopera, e percebe no outro a possibilidade de crescimento em conjunto. Educadores e educandos aprendendo e ensinando em comunhão. Ao ser criado esse ambiente confortável, iniciou-se o debate com a seguinte situação problema “o porquê de uma educação ambiental crítica, emancipatória e transformadora.” Momento em que todos tiveram oportunidades de esclarecer seus pontos de vista e, ao final, foi percebido que estamos vivendo em um mundo em constantes

transformações que podem trazer, inclusive, riscos à sobrevivência humana e a várias outras espécies.

Transformações ambientais, como por exemplo, mudança climática, desertificação, desemprego e fome, muito provavelmente, são consequências de nosso modelo de sociedade. Pela importância e gravidade desses problemas, necessitamos, com urgência, de pessoas participativas, éticas, responsáveis e ambientalmente capazes para intervirem nesse modelo em que vivemos, a fim de resolver ou mitigar tais catástrofes. Em resposta a situação problema, a educação ambiental surge como um importante instrumento para formar esse indivíduo.

Nas aulas seguintes, foi apresentado um mapa conceitual dos termos que seriam tratados ao longo da “ComVivência”, tais como ambiente educativo, princípios formativos, componentes pedagógicos e vivência imersiva. Tal compreensão é primordial, visto que se torna necessário termos definições claras e precisas sobre cada palavra utilizada, com o intuito de não correremos o risco de “levarmos” para a imersão entendimentos terminológicos equivocados.

Nesses esclarecimentos, já podemos perceber que nós, educadores ambientais em formação, também precisamos ser educados ambientalmente, haja vista termos, em muitas ocasiões, pensamentos disjuntivos (Guimarães, 2021, p. 129) e, sendo assim, apresentamos dificuldades de pensarmos juntos.

Muitas vezes, queremos nos tornar educadores ambientais em cursos diversos; através de leituras de bibliografia com o tema; ou, ainda, por meio de pesquisas. É certo e firme que são importantes tais condutas, mas, somada a essa postura, é imprescindível a formação dos educadores através da relação que se dá ao caminhar. Imaginar que a formação é pessoal, já pode configurar um pensamento disjuntivo. Necessário se faz apreender que na relação se dá o diferencial do aprendizado na educação ambiental.

Após as aulas e, com a apreensão da terminologia, entramos na fase seguinte do curso, qual seja, a da imersão pedagógica.

A IMERSÃO

Não é qualquer “isolamento do mundo”, propiciado pela imersão, que contribui para a formação de educadores ambientais; para atingir tal fim, necessário se faz uma combinação de práticas reflexivas, transformadoras, éticas, sensibilizadoras e questionadoras do modelo atual da sociedade. Vejamos:

Logo no primeiro dia, experimentamos a dinâmica do “movimento coletivo”, onde, simplesmente, formamos um círculo de braços dados com a pessoa que estava ao nosso lado. Nesse instante, tivemos a oportunidade de sentir que somos um. Deu-se um sentimento de união e de “proximidade com o próximo”, ou seja, maior interação com os demais alunos que participavam da imersão. O componente pedagógico Acolhimento se fez presente nessa atividade.

Ademais, educandos com educadores, educandos entre si, enfim, todos estando juntos é imprescindível para que a relação ensino-aprendizagem seja

frutífera, uma vez que “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2005, p. 78).

Em seguida, no “movimento coletivo”, uma pessoa ficava no centro do círculo, com os olhos fechados, e era empurrada suavemente pelos demais que formavam o círculo. A pessoa no centro não podia tirar os pés do lugar, que deveriam estar próximos um do outro. Tal dinâmica trabalhava o equilíbrio e a confiança nos demais membros do grupo, uma vez que a pessoa do meio do círculo devia confiar que as outras não a deixariam cair. Uma nova forma de se relacionar, criando espírito de confiança, começa a nascer. Percebendo aqui o componente pedagógico reelaborando relações.

Na dinâmica seguinte, formamos pares e, um de cada par, deveria ficar com os olhos fechados e ser conduzido pelo seu parceiro, que deveria guiá-lo da melhor forma possível, inclusive falando o que a pessoa conduzida deveria fazer para não esbarrar em nada que pudesse feri-la. Após chegar ao local escolhido pelo condutor, trocavam-se os papéis, aquele que conduziu, desta vez, seria conduzido.

Após essa atividade, cada um apresentava seu relato da experiência e o motivo de ter escolhido o lugar que levou a pessoa com os olhos fechados. “Cooperação e confiança” e não “competição e medo”, constando aqui o componente pedagógico prática diferenciada.

Essas dinâmicas contribuem para provocar a sensação de não termos o controle da situação, provocando a desestabilização. A razão dessa provocação é que vivemos numa sociedade que tem a cultura de que os indivíduos devem estar no controle de tudo: de suas vidas, suas decisões, seus sonhos... Tais posturas podem provocar instabilidade emocional, pois é certo que estar no controle de tudo é pura falácia, pois muita coisa não depende de nós. Surge então a Ressignificação.

Não depende apenas do indivíduo, por exemplo, seu suposto sucesso na vida. Quase sempre, para a realização de seus sonhos, se torna necessária toda uma gama de estrutura que depende do restante da sociedade e de nossos governantes. Por exemplo, passar no curso de graduação de medicina não depende apenas do candidato estar no controle, que seria, ele próprio, estudar e passar. Depende, também, do Governo aumentar o número de vagas para esses cursos e de toda a sociedade exigir tal oferta de vagas, uma vez que a mesma sociedade é carente de médicos. Assim é trabalhado o componente rupturas.

Outro ponto importante nessas atividades é o relato da experiência vivenciada nas dinâmicas. Nessa ocasião, percebemos que, em muitas situações, nossa visão sobre nós mesmos não coincide com a opinião que o outro tem. Isso possibilita que não sejamos tão exigentes conosco, pois o próximo pode ser menos exigente com você do que você mesmo foi. Ademais, contribuem para enxergarmos que existem várias opiniões sobre o mesmo assunto e, muitas vezes, as ideias diferentes não são, necessariamente, antagônicas, mas sim, complementares.

A desestabilização é o primeiro passo para nova instabilização criativa. Como vivemos em um mundo hegemônico que é insustentável, devemos romper com essa hegemonia para, só assim, criar o novo. Assim, podemos criar perspectivas de possibilidades, uma vez que o mundo criado pelo ser humano pode ser recriado de inúmeras formas, inclusive de maneiras que garantam o equilíbrio da vida para as presentes e futuras gerações.

A dinâmica de “Uri Geller”² consiste em colocar uma pessoa sentada na cadeira e quatro ao seu redor, sendo cada uma posicionada em posições estratégicas. Uma deve ficar próxima a cada axila da pessoa no centro e, as outras duas, próximas a cada articulação do joelho. Atividade que atende o princípio da Postura conectiva.

Inicialmente, todos que estão ao redor devem unir as palmas de suas próprias mãos. Aquela que estiver próxima ao ombro da pessoa do centro, deve colocá-las abaixo da axila daquele que ocupa o meio da dinâmica, fazendo força como quisesse levantar aquele que está sentado. Em seguida, aquele ao seu lado, posiciona suas mãos, também unidas, abaixo da articulação do joelho, tentando levantá-lo. As outras duas pessoas também seguem o procedimento com as mãos, posicionando-as na axila e abaixo do joelho, sucessivamente. Ao final, quando todos estão fazendo força para levantar o colega sentado, enfim, a pessoa é erguida com certa dificuldade.

Na segunda fase da demonstração, coloca-se as mãos das pessoas sobre a cabeça de quem está sentado no centro, da seguinte forma: as mãos devem ser alternadas, uma pessoa qualquer coloca uma de suas mãos sobre a cabeça do colega a ser levantado, sem encostar. A pessoa que está ao seu lado, coloca a sua e, após a última pessoa colocar a primeira mão, recomeça o processo de trás para frente, ou seja, aquele que colocou a mão por último será o primeiro a posicionar sua segunda mão. Simultaneamente, todos colocam suas mãos na mesma posição anteriormente ajustada e, em sincronia, levantam a pessoa. A facilidade que levantaram nessa segunda fase foi assustadora, em comparação a anteriormente tentada.

Importante mencionar que foi escolhido, propositadamente, uma pessoa que não fosse muito leve para ficar no meio e as demais não poderiam ser tão fortes fisicamente, para não criar a falsa impressão que a força das pessoas e o pouco peso da pessoa levantada influenciaram no experimento.

Sem entrar na questão de ser Uri Geller paranormal ou não, aqui trabalha-se a sinergia, evidenciando que há uma diferença significativa entre “ $1 + 1 = 2$ ” e “1 com 1 que é > 2 ”. Neste segundo caso, gerou sinergia, pois na junção entre 1 com 1 o resultado é além da soma das partes.

Percebam que na Educação Ambiental tradicional, poderíamos encarar tal dinâmica como uma simples atividade lúdica, que muitas vezes é aplicada nessa educação. Todavia, em se tratando de uma Educação Ambiental nos moldes que se procura trabalhar durante a “ComVivência”, qual seja, crítica, emancipatória e transformadora, não podemos nos limitar a esse regozijo. Reflexão crítica.

Aqui deve ser exaltado o papel potencializador do movimento contra hegemônico da Sociedade. Cada um fazendo sua parte na transformação do atual modelo de sociedade, muito provavelmente, teremos algo como “1 + 1= 2”, ao contrário, se fizermos algo como “1 com 1 que é > 2”, ou seja, todos agirem de forma organizada e integrada, teremos algo ainda maior e que, desse modo, terá mais força contra os valores hegemônicos que exploram, devastam e escravizam. Intencionalidade transformadora.

Excelente oportunidade para enxergarmos a importância da transdisciplinaridade, em que vários profissionais de diferentes áreas não devem apenas trabalhar um somando ao outro, muitas vezes, cada um defendendo seu ponto de vista, mas sim, trabalhando “com”, numa relação de cooperação, de integração, pois, afinal, na natureza, não há divisão de áreas, sendo assim, qualquer forma de interação deve passar por essa visão integradora e holística.

A demonstração seguinte, chamada “frase fraseada”, se resume em doze frases escritas numa tira de papel, sendo previamente cortadas ao meio, resultando, portanto, em vinte e quatro tiras incompletas. Cada metade de uma tira é entregue a uma pessoa que deverá encontrar o complemento de sua frase, não podendo haver conversa no momento da procura.

O grande diferencial é que toda frase começa com um ditado popular, mas seu complemento não diz respeito ao final desse mesmo ditado. Uma frase, por exemplo, começa com “Quando um não quer...”. Ora, usualmente, todos esperam encontrar seu suposto complemento que seria “...dois não brigam”. Entretanto, não há esse complemento nessa dinâmica, o final da frase seria “... um vira para o lado e dorme”.

Uma excelente oportunidade de se abrir para o novo. Ora, em um momento de grandes desafios, onde a humanidade necessita viver de forma sustentável, não provocando danos irreparáveis ao meio ambiente, não podemos temer o novo, pois é disso que mais precisamos para combater as práticas destrutivas e disjuntivas.

Trata-se de uma armadilha paradigmática (Guimarães, 2021, p.133), sendo certo que temos a tendência de nos comportarmos de forma disjuntiva e individualizada. Como se fôssemos doutrinados para agirmos de forma automática, sem refletirmos criticamente sobre aquilo que pensamos, falamos e fazemos.

Frases prontas em nossa sociedade, como “o homem é um animal que compete por sua natureza”; “Futebol é coisa pra homem”; “Você precisa vencer na vida”; e tantas outras, evidenciam o pensamento disjuntivo, individualizando pessoas, colocando umas em um patamar de subserviência enquanto outras são elevadas ao posto de comando. Tais frases poderiam ser recriadas, como talvez “o homem é um animal que COOPERA por sua natureza”; “Futebol é coisa pra QUEM QUISER”; “Você precisa CONVIVER na vida”.

Mais uma vez temos a oportunidade de trabalhar a desestabilização criativa, à medida que precisamos sair da zona de conforto. A postura conectiva

também se faz presente, à proporção que necessitamos nos ajustar na relação com o próximo, a fim de encontrarmos o restante da frase que completa a nossa.

No domingo pela manhã, iniciamos uma experiência de meditação às margens do rio que passa pelo sítio. O objetivo era “esvaziar” a mente que, em regra, fica carregada de pensamentos perturbadores. Tal situação nos permite uma aproximação da nossa mente com o resto do corpo, o que nos possibilita maior equilíbrio emocional. Tempo de hiperdistração. Resgate da essência.

Na noite anterior, recebemos um desafio de responder a seguinte questão: “qual é o ambiente pedagógico ideal?”. A resposta deveria ser dada no dia seguinte. Dormimos num ambiente muito agradável e aconchegante, com um clima frio, típico da época e da região. Amanhecendo, a resposta foi pedida. Fizemos uma roda e cada um pode apresentar sua ideia.

Primeiramente, imaginei que o ideal seria o ambiente físico com toda a tecnologia e material apropriados para cada matéria, como laboratório de ciências, mapas geográficos, modelos para aulas de biologia, etc. Entretanto, imaginei que esse ambiente não seria didático caso não fosse explorado corretamente. De nada adiantaria infraestrutura sem aptidão, competência ou dedicação.

Assim, o ambiente pedagógico, a meu ver, seria o da vontade: de quem ensina e de quem aprende, pois trata-se de relações que desenvolvemos uns com os outros, educador se transformando e colaborando para a transformação do educando. Referencial intercultural.

Éramos seis integrantes, fomos divididos em 2 grupos. Cada um ligado por uma corda que cada componente não podia largar. A tarefa consistia em caminhar pelas rochas espalhadas pelo rio até chegarmos na mesma pedra onde realizamos a contemplação, na atividade anterior. Na pedra de chegada, encontraríamos uma surpresa.

Ao começar a tarefa, a primeira dúvida que tive era se a dinâmica tratava de uma competição, porém, essa informação não poderia ser passada, sob pena de prejudicar o objetivo da caminhada/escalada. Assim, foi dado início a atividade. Um percurso com muita tranquilidade onde os grupos se ajudavam mutuamente, sem competição, tendo um deles a preocupação de recolher lixo que encontrava no meio do caminho. Exemplo que foi seguido pelo outro grupo.

Ao chegarmos na pedra previamente combinada, encontramos uma muda de amoreira e outra de maracujá, que plantaríamos no próprio sítio como uma forma de participação na construção da vegetação local.

Foi esclarecido que, em inúmeras situações, os grupos se enfrentam em verdadeira competição para ver quem chegaria em primeiro lugar. Todavia, a atividade não era para competir. Uma excelente atividade que propicia a discussão sobre desestabilização criativa, postura conectiva, armadilhas paradigmáticas, ressignificação e práticas diferenciadas.

NO ALMOÇO DE DOMINGO, A FEIJOADA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA

Caminhamos do sítio à Escola Municipal Donária Maria Barbosa, por aproximadamente 3,5km. Conversamos, caminhamos e tivemos aula, simultaneamente. Vários assuntos, que surgiram espontaneamente ou não, foram abordados. De vez em quando, parávamos para ouvir alguma explicação do Professor, sobre o rio, represa, o espaço, etc.

Na escola, fomos recebidos pelo Anderson, sobrinho do Celso, o líder da comunidade, que tem sua avó paterna homenageada que leva o nome da escola que foi construída em 2016. Uma bela escola de alvenaria com um bom espaço para desenvolver a educação no local. Antes disso, a escola que existia era feita de metal.

A comunidade pretende ser reconhecida como Quilombola, através de um processo que existe há cerca de doze anos (indignação ética). Relatou, ainda, que um dos grandes problemas locais é a falta de médico e que receiam perder parte de seu território devido a exploração desenfreada de vinícolas da região.

Na escola, situada numa região com, aproximadamente, 380 moradores em 130 famílias, há trabalhos importantes, tais como, questão racial e sobre a caracterização de Quilombola, querendo, a escola, ser reconhecida como tal.

Não poderia deixar de mencionar as atividades realizadas pelos integrantes do grupo. Além de aprender com cada um, não apenas sobre educação e meio ambiente, mas sobre superação e harmonia.

Vi pessoas se posicionando sempre que se deparam com uma situação ou fala de discriminação ou injustiça. Ouvi relato de uma vida de muita dedicação e trabalho com muito esforço para realizar desejos de maior qualificação profissional, inclusive obtenção de diplomas a nível de pós graduação.

Um defensor de sua comunidade que não se cansa de se colocar na frente da batalha para que o seu entorno seja mais saudável.

Encontrei, ainda, um integrante que está rompendo com modelo de estilo de vida que adoce, em busca de uma vida salutar. Conheci um profissional que persevera em seu trabalho, não desistindo diante de obstáculos que surgem durante a demanda. À todos e todas, minha gratidão pela convivência na "ComVivência".

DA POSSIBILIDADE DE SUGERIR

Muitos projetos de Educação ambiental são rígidos, pois chegam para seus educandos com o planejamento pronto, sem permitir qualquer alteração para melhor adaptação ao grupo participante. Tal situação não ocorreu durante a "ComVivência", muito pelo contrário.

Apesar de existir um plano de trabalho, há possibilidade de alterá-lo durante a imersão, pois a compreensão que se tem é de que a educação não deve ser um processo inflexível, muito longe disso.

Sendo certo que, após um olhar com carinho e criterioso para os integrantes do grupo, abre-se possibilidades de sentir as suas reais características e peculiaridades e, desta forma, o planejamento é adequado ao perfil do grupo. Quase uma “ComVivência” personalizada.

Nos foi indagado se tínhamos algo a sugerir para as próximas “ConVivências”. Ressalto que gostei muito, tendo apreciado tudo com muita satisfação, desde o cafezinho e caldo de couve flor com queijo até as atividades desestabilizadoras. O curso como um todo serviu inclusive para resgatar minha vontade de estudar e retornar a academia a fim de iniciar meu curso de doutorado.

Fiz um grande esforço para pensar em alguma sugestão. A primeira que me veio foi a de que deveríamos ter mais encontros em sala de aula para aprofundamentos em temas relativos à Educação Ambiental. Logo de imediato refutei esse pensamento. Mais uma vez percebi que minha visão do meio ambiente é, normalmente, distorcida, hegemônica e disjuntiva.

Ora, por que aula ocorre somente em “sala de aula”? Visualizei todo o curso e enxerguei aulas em vários momentos, como por exemplo: durante e após o jantar; ao redor da fogueira; no café da manhã; nas atividades; durante a caminhada; na feijoada... Cada momento, era oportunidade de termos aula.

Por fim, me veio uma sugestão, qual seja, tentarmos elaborar nossas próprias refeições. Preparar juntos nosso alimento que seria uma grande oportunidade para trabalharmos diversos temas propostos na “ComVivência”.

Assuntos, que poderiam ser tratados num eventual almoço coletivo, são: solidariedade; postura conectiva, reelaborando relações e indignação ética. A relevância dessa atividade seria porque as refeições não seriam apenas as mulheres _ que têm, culturalmente, obrigação de serem cozinheiras nas suas famílias e nos encontros de amigos que farão as refeições. Todos, todas e “todxs” seriam responsáveis pelo preparo do alimento.

Ademais, ao escolhermos os alimentos a serem preparados, já começaríamos a imersão. Nossos hábitos alimentares estão, normalmente, atendendo a uma hegemonia de dominação que impõe que nos alimentemos de produtos rápidos de serem produzidos, gerando mais lucro para aqueles que industrializam nosso alimento.

Alimentos ultra processados, para durarem mais tempo nas prateleiras dos mercados; cheios de açúcares, pois é um conservante barato para a indústria alimentícia; alimentos à base de farinhas, rápidos de serem feitos e com preço acessível. Enfim, todos esses alimentos que atendem o interesse de vantagem econômica para a indústria são altamente prejudiciais à nossa saúde, devendo, em razão disso, serem excluídos do nosso cardápio no dia a dia.

Portanto, poderíamos privilegiar alimentos de verdade, como aipim, batata doce, ovos, grão de bico, lentilha, ervilha, cenoura, abóbora, inhame, ora-pro-nóbis, etc. Ressalta-se que um aipim cozido no fogão a lenha pela manhã, às margens do rio, seria maravilhoso. Quem sabe poderíamos, a partir daí, revermos nosso estilo de vida?

CONCLUSÃO

A ComVivência é uma proposta, bem sucedida, de formação de educadores ambientais capazes de instruir indivíduos que, agindo com criticidade, sejam capazes de transformar a sociedade e se emancipar de diferentes formas de dominação. Através das atividades e da imersão, a ComVivência trabalha com rupturas de pensamentos, ao passo que o distanciamento da realidade em que vivem os futuros educadores permite um novo olhar para velhas questões. Os pensamentos disjuntivos, próprios da sociedade atual, são substituídos gradativamente por condutas de união, e as relações, que são vistas normalmente como uma competição natural, deixam lugar para posturas de cooperação. Essa substituição ocorre graças às articulações e interdependência existentes entre os princípios formativos, os componentes pedagógicos e a vivência imersiva.

Não se faz educação sem coragem, e a imersão é mais que um choque de realidade é a possibilidade de sermos destemidos para reencontrar a nossa própria essência, deixando de ser aquilo que nosso pensamento, que normalmente é condicionado por uma classe dominante, quis que fossemos, qual seja, meros consumidores. Entendo aqui que essa realidade não é externa, é da própria pessoa. Como se fossemos uma pessoa no dia a dia e nos transformamos em outra na imersão, daí é o principal choque de realidade, a meu ver. Não fiquei distante apenas do celular e do computador durante a imersão, fiquei um pouco distante de mim mesmo, longe do “eu” que foi formado em um ambiente com economia predatória, com a cultura do machismo, da competição, da violência, etc.... e fui me aproximando do “eu” que sou na minha verdadeira essência.

Certamente, ao trabalhar/estudar/pesquisar em Educação Ambiental, os conhecimentos adquiridos aqui, serão aplicados, aprofundados e divulgados. Todos os Educadores Ambientais seriam ainda melhores após a “ComVivência” que permite refazer as antigas relações, se abrindo para o novo, deixando para trás a cultura hegemônica de dominação e exploração.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Mauro Guimarães que, sem saber, foi uma de minhas referências nos anos iniciais da minha vida de constante estudante de educação ambiental e continua sendo até os dias de hoje; a Luciana e Mariana pelas presenças sempre enriquecedoras. Ao Celso, líder de Boa Esperança, pela recepção e conversa prazerosa durante o almoço na comunidade Quilombola; à Débora e sua família, as responsáveis pela feijoada que, apesar de completa, parecia “fit” de tão leve e saborosa.

“ComVivência pedagógica”, training and transforming environmental educators

ABSTRACT

This work aims not only to report my experience in “ComVivência Pedagógica” (GUIMARÃES, 2021, p. 127) but, above all, to demonstrate its contribution to environmental educators to train and transform citizens based on a critical, transformative and emancipatory environmental education. It is important to publicize this experience as “ComVivência” collaborates to break away from disjunctive thoughts and practices (GUIMARÃES, 2021, p. 129), opening up to building the new: the new environment, the new in thinking, the new in acting... as a proposal for training of Environmental Educators, “ComVivência” seems to arise to meet a need to provoke ruptures in the hegemony of the current model of society, which has already shown, for a long time, its signs of unsustainability. Therefore, pedagogical immersion can be an excellent method for training environmental educators, as it creates situations for the educator to reflect critically on the world and on his or her attitudes. Lastly, it was noticed that educators should experience the “pedagogical experience”, with its pedagogical components, its formative principles and the immersive experience. Such “ComVivência” creates solid foundations in theory and practice, given that we have a peculiar atmosphere to relearn about relationships between us humans and between them and their surroundings, which should not be a model of competition, but of cooperation. In this way, we will have fertile ground to train professionals with skills and abilities to act with a critical, transforming and emancipatory environmental education.

KEYWORDS: Environmental Education. Training of environmental educators. Pedagogical immersion. Pedagogical coexistence.

“ComVivência pedagógica”, formando y transformando educadores ambientales

RESUMEN

El propósito de este trabajo no solo es relatar mi experiencia en la "ComVivência Pedagógica" (GUIMARÃES, 2021, p. 127), sino que también demostrar su contribución para la formación de educadores ambientales y de esta manera puedan transformar ciudadanos a través de una educación ambiental crítica, transformadora y libertadora. Es importante difundir esta experiencia ya que la "ComVivência" colabora en la ruptura de pensamientos y prácticas disyuntivas (GUIMARÃES, 2021, p. 129), abriendo camino para la construcción de lo nuevo: el nuevo ambiente, el nuevo modo de pensar, el nuevo modo de actuar ... como propuesta de formación para Educadores Ambientales, la "ComVivência" parece surgir para satisfacer la necesidad de provocar rupturas en la hegemonía del modelo actual de la sociedad, que desde hace tiempo muestra señales de insostenibilidad. Por lo tanto, la inmersión pedagógica puede ser un método excelente para formar educadores ambientales, ya que crea situaciones que permiten al educador reflexionar críticamente sobre el mundo y sus actitudes. En última instancia, se observa que los educadores deben experimentar la "ComVivência Pedagógica" con sus componentes pedagógicos, principios formativos y experiencia inmersiva. Dicha "ComVivência" establece bases sólidas en teoría y práctica, ya que brinda un ambiente particular para reaprender las relaciones entre los seres humanos y su entorno, que no deberían basarse en la competencia, sino en la cooperación. De esta manera, tendremos un terreno fértil para formar profesionales con habilidades y capacidades para abordar con una educación ambiental crítica, transformadora y emancipadora.

PALABRAS CLAVE: Educación Ambiental. Formación de educadores ambientales. Inmersión pedagógica. Convivencia pedagógica.

NOTAS

1 Apresentada em Base Científica Das Mudanças Climáticas - Volume 1 Completo (GT1_volume_completo_cap1.pdf (ufrj.br). Disponível em: http://www.pbmc.coppe.ufrj.br/documentos_publicos/GT1/GT1_volume_completo_cap1.pdf acesso em: 22 agosto 2023

2 Israelense naturalizado Britânico, que na década de 70 se auto proclamou paranormal, demonstrando, na ocasião, alguns experimentos, sendo o mais conhecido o de entortar colheres.

REFERÊNCIAS

ALIER, J. M. . **O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração**. São Paulo: Contexto, 2011.

AMBRIZZI, T.; ARAÚJO, M. **Primeiro relatório de avaliação nacional**. Disponível em: http://www.pbmc.coppe.ufrj.br/documentos_publicos/GT1/GT1_volume_completo_cap1.pdf acesso em: 22 agosto 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

GUIMARÃES, M. **Construindo a “ComVivência” Pedagógica**. In: GUIMARÃES, M. (org). Educação Ambiental e a “ComVivência” pedagógica: emergências e transformações no séc. XXI. Campinas, SP: Papirus Editora, 2021. p. 127-174.

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS. Disponível em: http://terrabilis.dpi.inpe.br/queimadas/situacao-atual/estatisticas/estatisticas_paises/ acesso em: 22 agosto 2023.

LOVELOCK, J. **Gaia: um novo olhar sobre a vida na Terra**. Universo da ciência; Cdu 55. Ed. Almedina Brasil, 2020. ISBN 978-972-44-2327-2. e-book.

MORIN, E. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

Recebido: 30 agosto 2023

Aprovado: 09 out. 2023

DOI: 10.3895/rtr.v9n0.17516

Como Citar: SILVEIRA, A. L. B. E. “ComVivência pedagógica”, formando e transformando educadores ambientais. **Revista Transmutare**, Curitiba, v. 9, e17516, p. 1-18, 2024. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rtr>>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

André Luís Barbosa Estolano da Silveira
andre.barbosa.estolano@gmail.com

Direito Autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

